Jornal Página 20

As cartas

22 e 23 de maio 2005

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO *

Instigado pelo exercício radiofônico – exercera por algum tempo a produção e a apresentação de um programa de rádio no qual criara um quadro sobre leituras de cartas. Escrevia as cartas com personagens fictícios e as lia diariamente para a posterior participação dos ouvintes por telefone, comentava as cartas e sugeria soluções para que os personagens superassem as questões ali colocadas. Divertia-me muito nesse quadro e sentia o maior prazer em escrever e ler essas cartas. Aconteceu de o quadro ganhar audiência muito grande e os ouvintes enviarem suas cartas. Recebia caixas cheias, trazidas pelos Correios. Resolvi parar de escrever as cartas e passei a ler as que ouvintes remetiam, em que falavam de encontros e desencontros, traições, reencontros, ciúmes, invejas, famílias, casamentos, fracassos e vitórias. Trabalhei em três rádios apresentando o quadro, e, sempre, a audiência alçava picos muito altos com a mesma freqüência.

Inusitado fora o fato de os ouvintes começarem também a freqüentar os estúdios das rádios para assistir à leitura. A presença era tanta, que passei a ler as cartas no auditório. Recebi muitos presentes batizei muitas crianças, ganhei uns compadres amigos e umas comadres quituteiras de primeira. Outro dia fui almoçar na casa de uma delas uma moqueca de mandim com jambú que estava uma delícia. Uma sobremesa sublime: banana-da-terra frita passada no mel e canela – pois bem, instigado pelas experiências desses programas de rádio, interesseime por conhecer melhor o universo das cartas.


ILUSTRAÇÃO

Fui a algumas instituições prestadoras de serviços públicos para saber que reivindicações e/ou reclamações as pessoas deixavam nas caixinhas de sugestões: companhia de distribuição de gás, companhia de energia elétrica, companhia de transportes urbanos, entre outras. Observei que essas cartas eram curtas, escritas de forma objetiva, econômicas nas palavras. Conseguira autorização, esclarecendo meus propósitos e a intenção de escrever uma peça para teatro sobre as cartas.

Por intermédio de amigos, tive acesso à correspondência recebida para atores e atrizes de novelas e teatro, cantores e compositores e instrumentistas famosos, jogadores de futebol de grandes clubes, jogadoras de vôlei e basquete e, ainda, colegas radialistas de grandes audiências.

Nessas, percebia que as pessoas escreviam muito; eram cartas longas, de várias páginas, e amorosas. Na maioria, narravam suas histórias, falavam de seus desejos e pediam opiniões, fotografias com autógrafos e/ou algumas dedicatórias para cadernos, agendas e flâmulas. Elogiavam esses artistas e revelavam as alegrias de vê-los e ouvi-los.

Também com a ajuda de amigos, consegui autorização nos Correios para ler algumas cartas cujos destinatários não tinham sido encontrados nem, tampouco, os remetentes. Essas cartas, depois de 30 anos à disposição dos interessados, são incineradas em fornos elétricos da própria Empresa dos Correios. Prometi não revelar jamais essa autorização. Pois mantenho o prometido: fica aqui entre nós; é segredo nosso. Fiquei bastante atormentado com o que lera nessas cartas. Angústias, solidão, abandonos, pedidos de socorro, misérias afetivas em quantidade dez vezes maior do que o humor, as alegrias e as notícias animadoras.

Desisti por um tempo de continuar meu projeto, por absoluta falta de condições emocionais, psíquicas, físicas, etc. Como fiquei abalado com o desespero colocado em cartas que não chegam a ninguém! Recentemente, conheci mulheres que escrevem cartas generosas e recheadas de boas notícias, colocam nos Correios e esperam recebê-las, por mediação dos carteiros para lê-las, cerimoniosamente. Tenho conversado com essas leitoras de cartas escritas por elas mesmas e descoberto que a solidão é mortal. Sempre que posso, escrevo umas cartas e envio a essas mulheres. Estou constantemente solicitando às amigas e conhecidas que se escrevam – mandem cartas, cartões, bilhetes, torpedos, telegrama, fax – umas às outras, e escrevam juntas. Imploro até que se encontrem.

* Contador de Histórias